De "Baderna" a Luta Patriótica: a Produção de Sentidos no Discurso de Veja Sobre as Manifestações de Junho[1]

Gesner Duarte Pádua[2]

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

Resumo

Este artigo analisa a cobertura da revista Veja em relação aos protestos ocorridos em todo o país no mês de junho deste ano. Verifica, inicialmente, a mudança de enquadramento sobre o papel dos jovens nas manifestações. De "rebeldes sem causa" da classe média, dispostos a promover a baderna, transformaram-se, nas páginas da revista, no curto prazo de uma semana, em heróis nacionais que "mudaram o Brasil". Na sequência, analisa como a publicação enredou seu discurso na tentativa de atribuir ao movimento o sentido hegemônico de contestação e repúdio aos partidos e organizações da esquerda, especialmente os governos petistas, os quais Veja responsabiliza por todas as mazelas do país.

Palavras-chave: Revista Veja; Manifestações de junho; Discurso hegemônico.

Introdução

Durante o último mês de junho o Brasil foi sacudido pelas maiores manifestações populares ocorridas desde o movimento das Diretas Já, vinte e nove anos atrás. Os protestos, que começaram em São Paulo contra o aumento de 20 centavos na passagem do ônibus urbano, logo se espalharam por centenas de cidades, adquirindo contornos e demandas extremamente variados. A "grande mídia" conservadora reagiu, inicialmente, condenando o movimento, taxando-o, genericamente, como ato de vandalismo. Por isso, foi alvo de críticas e ataques e mudou o tom, convertendo o discurso da "baderna" em celebração ufanista de nacionalismo. Cada veículo interpretou o sentido- ou os sentidos- dos protestos à sua maneira, de acordo com suas políticas editoriais, orientação ideológica e interesses diversos. Neste artigo analiso o discurso de Veja sobre as manifestações, os sentidos atribuídos, e como eles variaram em alguns aspectos, como a caracterização dos seus principais agentes, os jovens, tendo sempre como pressuposto a concepção de que toda

[1] Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), professor do curso de Comunicação Social- Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso- campus Araguaia, email: gesnerduarte@hotmail.com

prática discursiva busca convencer alguém de algo, trabalhando com a tentativa de fixação de supostas verdades.

Não se pode encarar os meios de comunicação como meros transmissores de mensagens objetivas. Como aponta Charaudeau (2006, p. 39), toda enunciação produz efeitos de sentido, a partir de escolhas.

> Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolhas das formas adequadas (...) do bem falar e ter clareza, mas escolhas de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas.

A mídia, assim como diversos outros segmentos da sociedade, como partidos políticos, entidades de classe e governos, também cria discursos que se pretendem universalizantes, ou seja, discursos hegemônicos no sentido de Laclau e Mouffe (1987). É a esse tipo de discurso que pretendo me ater nesta breve análise, que tem como corpus as edições da revista Veja dos dias 19/06 e 26/06/2013.

Os "Rebeldes Sem Causa"

Na capa da edição de 19/06/2013, Veja já sintetiza como os protestos seriam tratados ao longo da reportagem especial. A composição tráz uma foto noturna de um ponto de ônibus do Rio de Janeiro pichado em vemelho com a frase "Contra o aumento", em meio a um cenário de destruição, com objetos em chamas espalhados pela calçada. O título e o subtítulo ("A revolta dos jovens. Depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminaidade?") fazem menção ao caráter do movimento, segundo interpretação da revista, e o rumo que ele tinha que seguir.

As escolhas imagéticas e lexicais feitas por Veja produzem o efeito de sentido de que aquele era o padrão típico de comportamento revoltoso dos jovens que decidem protestar contra algo, caracterizado pela irresponsabilidade e pela "baderna", que geram "vandalismo" e rompimento da ordem pública. O apelo à ordem será recorrente ao longo de toda a reportagem principal. No título, sugere-se que toda aquela destruição- causada por um ato selvagem- foi por causa do aumento da passagem e, ao perguntar se depois dessa

pauta os manifestantes lutariam contra a corrupção e a criminalidade[3], a revista minimiza a importância da revindicação da tarifa e maximiza o que deveria ser, segundo ela, o motivo pelo qual os jovens deveriam ir às ruas. Ou seja, depois de cometerem esses atos de "vandalismo" somente por causa de 20 centavos, será que eles iriam começar a protestar contra algo *realmente* importante, algo que *deveria* merecer a moblilização desses jovens (na ótica da revista, a corrupção e a criminalidade)? O que se subentende é que os jovens teriam se revoltado por pouca coisa e era necessário canalizar essa energia típica da idade para algo realmente importante. Ao fazer uma pergunta retórica, que mais afirma que questiona, ao selecionar e organizar diversos elementos verbais e não verbais, a revista tenta criar um agendamento (WOLF, 2009 p. 152-153) em torno dos sentidos desses acontecimentos e influenciar os seus rumos.

No índice (p. 8-9, figura ao lado), a revista deixa claro como via os protestos. Na legenda de uma foto que mostra um confronto entre maniestantes e a polícia, diz, em tom sentencial: "desordem e terror frequentes nas metrópoles brasileiras". O sentido de "baderna" injustificada é reforçado na sessão "Carta ao Leitor" (p. 12). Para a revista, o preço das pessagens é apenas um "pretexto" para jovens (termo usado sempre em sentido generalizante) ricos e de classe média, mimados e despolitizados, darem vazão a uma revola cujos motivos nem eles mesmos sabiam com precisão. Segundo a revista, os manifestantes que iam às ruas contra o aumento do transporte coletivo nunca andaram de ônibus, "mas protestavam, mesmo assim, em nome de suas empregadas domésticas". E continua, em tom irônico: "Fosse esse mesmo o caso, seria mais eficiente pedir aos pais um aumento de salário para elas".

Além de desqualificar a mobilização por algo que parece ser "menor", fora da realidade dos jovens, explicita um pensamento de caráter liberal e preconceituoso ao indicar que as lutas por direitos, como do transporte barato e de qualidade, devem se dar não no

[3] Veja não explicita a que tipo de criminalidade se refere, mas é possível inferir, pelas menções indiretas em determinadas matérias, que se trata, sobretudo dos crimes de corrupção, especialmente do chamado "mensalão", que envolveu, entre outras pessoas, políticos do PT.

âmbito do coletivo. Parece, para a publicação, incompreesível que jovens ricos e bem nascidos "vandalizem as ruas" por uma causa que não lhes diz respeito, simplesmente para defender interesses de outros grupos considerados subalternos: suas empregadas domésticas que andam de ônibus todos os dias. Ao sugerir que, se fosse esse mesmo o caso, não precisariam fazer tais arruaças inúteis, bastanto pedir aos seus pais que aumentassem o salário das serviçais, defende, de forma simplista, que resolução de questões de interesse coletivo seja retirada da esfera do interesse público e jogada para a dos interesses particulares e privados, como se fosse, apenas, uma questão de autoregulação das relações patrão-empregado.

Para Veja, essa"rapaziada", que expressava tanta fúria por um motivo banal, era composta, em sua maioria, de "rebeldes sem causa" (p. 88), que estavam "dando vazão às pressões hormonais", iludidos pelo "exercício passageiro do socialismo revolucionário" (p. 86). Os "insurgentes atuais", diz a revista, poderiam até ter como hino uma conhecida canção da banda Ultraje a Rigor sobre um adolescente mimado de classe média:

> Aquele garoto que os pais "tratam muito bem" e que recebe deles "apoio moral" e "dinheiro para gastar com a mulherada". A reação do garoto?
> " Não vai dar, assim não vai dar/ Como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar/ Não vai dar, assim não vai dar/ Pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar".

Para desqualificar os protestos como coisa menor, capricho de "pessoas com situação finaceira estável e que não enfrentam nenhum problema urgente", a revista compara, em vários momentos, as manifestações no Brasil com outras pelo mundo, nas última décadas, realizadas por jovens ricos e entediados que aderiam à violência e à "baderna" das manifestações. Jovens que só podiam se dar a esse tipo de capricho por estarem vivendo, comodamente, em uma democracia e economia estáveis (como se não tivesse havido repressão violenta da polícia ou se todos os que foram às ruas já estavissem com um futuro de estabilidade financeira garantida):

> Viver sob uma democracia significa que as balas dos fuzis da polícia serão de borracha. A economia beirando o pleno emprego faz dos manifestantes jovens caçados nas universidades por empresas em busca de mão de obra qualificada (p. 90).

As Más Companhias

Ainda segundo ponto de vista expresso nesta edição, as manifestações eram uma grande "baderna", uma ameaça à ordem. Esse sentido é produzido por várias referências verbais e imagéticas. As fotos foram usadas fartamente (a reportagem especial tem nove páginas e 21 imagens), reiterando um clima de tensão, conflito, e bagunça generalizada, de convulsão social (exemplo na figura ao lado) contra a qual a polícia deveria agir, justificadamente, na medida em que, segundo a revista, o ato legítimo de protestar estaria sendo "degenerado" e, por isso, haveria que se ter "a repressão policial necessária em batalhas campais", que, porém, alerta, "produziriam um deastroso confronto em que todos sairiam perdendo"(p. 92). A mensagem é clara: a "desordem", *injustificada* e *ilegítma*, deveria ser combatida e os policiais só estariam, assim, reagindo à ação dos "baderneiros", como sugere uma sequência de fotos, cujo sentido é complementado pelas legenda (figura abaixo).

Na primeira imagem, feita à noite em São Paulo, um manifesante empunha um lança-chamas. Não se vê, no recorte, a presença de policiais próximos a ele. Nas duas outras fotos abaixo, um tirada durante o dia, em São Paulo, e outra durante a noite, no Rio de Janeiro, mostra-se a repressão da polícia. As imagens não têm ligação temporal e espacial estrita entre sí, porém a disposição cria a impressão de que se trata de uma sequência de fatos correlatos no tempo e no espaço, e, junto com a legenda, instauram a ideia de que os policias somente agiram em função dos excessos cometidos pelos

manifestantes, em uma relação de causa e efeito que justificaria a repressão aos "radicais". Diz a legenda:

> Acima, radicais insulfados por partidos de esquerda, lançam chamas contra policias paulistas, que reagiram com agrsividade (ao lado e abaixo). O resultado foi o mairo número de detidos desde o fim do regime militar (p. 92).

Esse texto é exemplar do sentido que perpassa toda a reportagem: o de que a "baderna" e a violência foram desencadeadas por "radicais" da esquerda, que corromperam os jovens bem nascidos da classe média paulistana para engrossarem as fileiras dos protestos, que tinham como "pretexto" o aumento da passagem de ônibus. Esses "radicais", "insufladores do movimento", segundo a revista, seriam os integrantes do Movimento Passe Livre, que iniciou as manifesações em São Paulo, formado, segundo Veja, em grande parte, por por jovens de classe média que "arregimentarram" outros jovens nos colégios onde estudavam e nas redes sociais. Incui-se também no rol de culpados pelo caos os partidos de esquerda, aos quais os militantes do MLP estariam ligados. Partidos esses cujas "alas radicais" também "arregimentavam integrantes de grupos punks" para ajudar nas ações de vandalismo (p. 88- 90). Esses "insufladores" seriam, de acordo com a revista, muito parecidos com os "vândalos" que realizaram protestos em outras partes do mundo, desde o final da década de 1990: em sua maioria estudantes, anarquistas, sindicalistas e movimentos "esquerdistas" (p. 90- 91).

O curioso é que, no início da edição, a "Carta ao Leitor" (p. 12) diz que os protestos não poderiam ser simplesmente tratados como "arroubos naturais daquela idade", que os jovens fossem vistos apenas como "massa de manobra dos partidos radicais", mas o discurso que se constrói na reportagem especial é exatamente o contrário. Os manifestantes não só são representados como "rebeldes sem causa" burgueses, como o personagem da música do grupo Ultraje a Rigor, mas também uma maioria *de bem* arregimentada e manipulada por uma minoria de "esquerdistas", que promoveram a "desordem e o "terror nas ruas das metrópoles brasileiras". Eram, na ótica de Veja, "milhares de rapazes e moças que tinham tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada, e não engrossando as fileiras de vândalos profissionais" (p. 88). Da mesma forma que desqualifica a luta contra o aumento da passagem e, ao mesmo tempo, em alguns trechos, nega que ele seja irrelevante. A falta de coerência interna do discurso indica a confusão sobre um fenômeno que surgiu rapidamente e de forma tão complexa e pegou de surpresa a chamada "grande mídia", que

teve de representá-lo, segundo enquadramentos adequados as suas linhas editoriais, ao mesmo tempo em que tentava compreendê-lo.

"Mas Isso é Tudo?"

Mesmo cambiante e contraditória em alguns momentos, ao longo da cobertura Veja vai delineando, ainda de forma sutil, aquela que seria a tônica da edição seguinte sobre a onda de protestos e que abordarei mais adiante. A revista, como um expert, se propõe a identificar qual era ou qual deveria ser a interpretação do leitor sobre o *verdadeiro* sentido (político) dessas manifestações. Começa, como já mencionei, com o questionamento na capa: "Depois do aumento das passagens a vez da corrupção e da criminalidade?", e segue em outra sessões. A "Carta ao Leitor" (p. 12), intitulada "Eles querem dizer alguma coisa", depois de desqualificar as manifestações como "pretexto" para vandalizar as ruas, diz que

> Uma lição valiosa, porém, é a de que esses surtos de indignação da juventude sempre guardam uma razão real escondida atrás dos cartazes com dizeres desconexos e palavras de ordem utópicas. (...) É muito útil tentar decifrar quais são as verdadeiras frustrações extravasadas violentamente por eles nas ruas das grandes cidades brasileiras.

No título da matéria principal, "A razão de tanta fúria" (p. 84), Veja já anuncia sua intenção de fornecer *a* explicação para o movimento. No subtítulo desqualifica, de cara, os protestos de agora, como se tivessem sido realizados por uma causa menos nobre que outros no passado. Diz a revista: "Os jovens já marcharam pela paz, democracia e liberdade. Os de agora vão às ruas para baixar o preço das passagens.", e questiona: "Mas isso é tudo?". A pergunta, como outras feitas ao longo da matéria, também é retórica; indica que há- ou *deve* haver- algo para além desse motivo supostamente banal. Algo que a revista promete revelar, tal como intérprete confiável e fidedigna do mundo.

Ao mesmo tempo em que desqualifica as "esquerdas radicais", cumpando-as pelos atos de "vandalismo", a revista trabalha, a todo momento, no sentido de fornecer um mapa de leitura dos fatos, indicando que se trata de "uma questão bem mais profunda que um mero aumento de passagem", como diz uma manifestante à qual Veja dá destaque (p. 86). Ou seja, os protestos dos jovens seriam como "sintoma" de uma "doença" que tinha que ser identificada e atacada (p. 92). A sequência da fala da manifestante selecionada pela revista dá uma pista do que seria essa essa "questão mais profunda: "O povo está cansado de

conchavos entre governantes e empresas privadas". Porém, ao que sugere a revista, não qualquer governante, mas sim os "esquerdistas", mais especificamente do PT. Entre as fotos escolhidas para ilustrar a reportagem estão três, logo nas primeiras páginas, que mostram bandeiras vermelhas e ataques verbais ao prefeito de São Paulo, o petista Fernando Haddad (figura abaixo). Em uma delas um manifestante mascarado ergue um cartaz com os dizeres: "Haddad o vandalo é vc!". Em outra, um ativista de rosto coberto passa em frente à fachada de um banco pichado com a frase "governo fascista".

Na narrativa verbo-visual enredada pela revista, ao longo das nove páginas da matéria principal, começa-se a construir a ideia de que os protestos da maioria (a maioria, no caso, eram os jovens de bem da classe média e não os "radicais" da esquerda) eram sintomas das mazelas que o país enfrentava, como a corrupção, das quais os grandes culpados eram os petistas. Esse era, para Veja, o verdadeiro e relevante sentido que o movimento deveria ter, ou seja, a revista confecciona a bandeira que deveria ser erguida pelos jovens despolitizados da classe média que foram às ruas, inicialmente, se manifestar contra o aumento na tarifa do transporte público, "dando vazão às pressões hormonais" em uma "fúria" desarticulada e sem sentido por causa de uma bobagem que nem lhes dizia respeito. A revista estabelece enquadramentos, que são definidos por Erving Goffman (apud TRAQUINA, 2008, p. 16) como "ideia organizadora central para dar sentido a acontecimentos relevantes e sugerir o que é um tema". São

> padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais os *symbol-bandlers* organizam rotineiramente o discurso, quer verbal quer visual (GITLIN, apud TRAQUINA, 2008, p.16).

De Rebeldes Baderneiros a Heróis Nacionais

A edição de Veja da semana seguinte (26/06/2013) aprofunda e define mais o discurso de demonização das esquerdas e coloca o Governo Federal, comandado pelo PT, como o grande vilão contra o qual teriam se irrompido, unissonamente, os protestos de rua. Ao mesmo tempo, corrige o discurso inicial sobre os jovens e suas ações no movimento, dando um giro de 180º na imagem que construiu na edição anterior. De rebeldes sem causa, que, segundo a revista, deveriam estar no shopping ou na balada, e que decidiram ir às ruas promover a "baderna", cooptados e corrompidos por "radicais" esquerdistas, os jovens se tornaram heróis nacionais, responsáveis por dar um basta à degenração moral, política e economica instaurada pelos governos Lula e Dilma. Passaram a ser justiceiros na missão de lutar contra os responsáveis por todas as mazelas do país. Uma comparação entre as duas capas explicita melhor essa mudança de sentido.

O jovem baderneiro e inconsequente da classe média, construído na primeira capa, é completamente diferente do jovem manifestante figurativizado na segunda, uma semana depois. Ele aparece, em um registro "histórico", de tom grandiloquente, como super-heroi de capa verde-amarela esvoaçante- o próprio símbolo maior da nação. Seus atos são movidos pelo patriotismo. Ele caminha em meio a um cenário de confito, porém épico, que

documenta sua brava luta contra os inimigos da pátria e por um país melhor. Luta essa que, segundo a revista, "mudou o Brasil".

O índice, que antes chamava a atenção para a "desordem e terror", dessa vez ganha um tom bem mais poético e grandioso com manifestantes não mais tratados como vândalos, mas como cidadãos que ocupam, em uma ato cívico, uma das cúpulas do Congresso, no que a revista passa a chamar de "manifestações históricas pelo Brasil" (p. 8-9, figura ao lado).

Na carta ao leitor, a mesma revista que havia classifcado os protestos como baderna de jovem rico e que defendeu a "necessária" repressão, agora diz que " é imperativo ouvir as ruas" e que "o erro fatal agora é fechar os ouvidos. É temer o novo".

A reportagem principal tem 28 páginas- 19 a mais que a anterior. Todas com uma faixa verde e amarela na borda superior, evocando um clima de nacionalismo. Interessante notar que a reportagem principal já começa com uma tentativa de mudar a imagem da revista quanto ao seus posicionamento de condenação do movimento, na edição anterior. Em página espelhada, tráz uma foto dos manifestantes na rampa e no espelho d'água do Itamarati, sendo contidos pela polícia, evocando o sentido de desordem. O título diz: "Os sete dias que...". As reticências indicam que há um sentido ainda em aberto, a ser retomado nas páginas seguintes, que, ao contrário da primeira imagem caótica, mostra a foto gradiloquente da multidão tomando ordeira e pacificamente (ao que parece, pelo efeito da visualização pelo alto) uma das principais avenidas do Rio de Janeiro, e a frase "... mudaram o Brasil", completando o sentido da página anterior.

É como se a revista quisesse se reposicionar em relação ao tratamento inicial da primeira edição, sem, no entanto, admitir isso. Quando se imagina, pelas primeiras páginas, que o tom seria novamente de condenação, as páginas seguintes mostram o contrário: o discurso é de celebração, como fosse esse o pensamento da revista desde o começo.

Veja classifica os protestos como uma luta por algo melhor, por uma "coisa bem maior" que os 20 centavos, algo que a revista caracterizou como "mais enebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante" (p. 61). Segundo a revista, eram os "mal representados" pelo poder que estavam indo às ruas em nome dessa coisa "tão maior" que, em sua interpretação, era o basta ao governo petista, corrupto e ineficiente, e a todos os partidos congêneres da esquerda. Neste ponto de vista particular sobre o sentido das manifestações, o povo teria, finalmente, como no script clássico das revoluções, acordado, percebido os maus feitos dos vilões e se revoltado contra eles:

> Curiosamente, aqueles que mais se enxergavam como agentes da mudança, os partidos de esquerda, foram os que mais se viram emparedados pela nova realidade das ruas. O PT acreditava que a paixão dos brasileiros pelo futebol seria exacerbada pelas Copas, de tal forma que ninguém mais notaria a corrupção e a ineficiência do governo. Errou feio. (p. 63).

E segue, destacando que os "esquerdistas" foram expulsos das manifestações pelo povo: " (...) os esquerdistas tiveram de ouvir um dos mais elegantes xingamentos da história mundial das manifestações: 'oportunistas, oportunistas'"(p. 63).

Em tom catártico, Veja decreta a derrota humilhante do PT e, simbolicamente, do que ele representa ideologicamente: "Petistas apanharam da multidão, tiveram suas bandeiras queimadas, foram escorraçados e xingados de 'oportunistas'. O PT perdeu as ruas." (p. 70).

Assim como os partidos políticos (todos e não somente os "esquerdistas", como afirma a reportagem) foram hostilizados durante os protestos, a imprensa também foi durante criticada e expulsa enquanto cobria as manifestações. Repórteres foram agredidos, carros de TV queimados e apedrejados em protesto contra o posicionamento conservador e condenatório que a chamada "grande mídia" assumiu no início. Após esses incidentes os meios de comunicação passaram a repetir em unissono e em tom celebratório e ufanista, que as manifestações eram pacíficas, para o bem do Brasil, que apenas uma minoria de "vândalos" insisita em provocar baderna. Veja também "virou a casaca" e concentrou o ataque na esquerda, atribuindo a ela todas as mazelas do país e tentando fazer crer que toda

a mobilização nacional tinha como objetivo colocar um ponto final no governo petista. Nenhuma menção foi feita às críticas contra o posicionamento quase homogêneo da imprensa, do qual, como vimos, a revista era uma das mais notáveis representantes. Apenas refere-se ao ataque a um veículo da Rede TV em uma matéria reponsabilizando os anarquistas e militantes "radicais" da esquerda, como uma minoria, a quem chama de "os organizadores do caos", responsaveis pelo vandalismo. Os anarquistas, para a revista, eram os mais articulados e perigosos e, "Para que fosse coibida a baderna nos protestos, eles deveriam ser os primeiros a ser identificados e punidos" (p. 89).

"O Poder Acuado"

Especial
O PODER ACUADO

Segundo a revista, o governo estava acuado pelas massas revolucionárias e a presidente Dilma "isolada" no Palácio do Planalto, protegida pela polícia, de onde "assistiu perplexa (...) a maior manifestação popular desde as Diretas Já" (p. 67). E arremata, decretando que o governo estava "perdido" e que "tenta achar formas de ganhar tempo e vislumbrar um plano para serenas a fúria do povo nas ruas brasileias." (p. 67).

Para Veja, os brasileiros fizeram um "revolução verdadeira (...) quando foram às ruas "protestar por estar sendo mal governados" (p. 67). A revista tenta retirar do movimento qualquer interesse político ideológico que pudesse macular o sentido "puro" de contestação ao governo, oriundo exclusivamente das "multidões de libertários independentes, não ideológicos cansados de corrupção e descaso. Por isso a perplexidade e a raiva surda dos esquerdistas de manual no poder no Brasil" (p. 67). Nos sentidos criados por esse discurso, o PT e os partidos de esquerda sofreram uma derrota e se enfraqueceram: "O PT assistiu, pasmo e impotente, a um território que antes lhe pertencia ser tomado por uma multidão não apenas imune aos seus comandos, mas também resistente à sua presença". (p. 69).

Para dar legitimidade a essa versão dos fatos, a revista encomendou uma pesquisa de opinião ao Departamento de Inteligência e Pesquisa de Mercado da Editora Abril, que entrevistou, pela internet (não se explica *onde* na internet), 9.068 pessoas e que, segundo Veja, "confirmou o desgaste dos governos e partidos políticos".

A pesquisa, usada como recurso para conferir autoridade e legitimidade ao seu discurso é apresentada com um título taxativo e universalizante: "O que pensam as ruas". Aponta que as principais bandeiras das ruas eram a corrupção, o não à PEC 37, melhoria na educação e saúde, prisão para os políticos envolvidos em corrupção e contra os gastos na Copa do Mundo. "Os grandes perdedores" eram os partidos políticos (59%). Desses, o mais "condenado", individualmente, era o PT (33%). Todos os partidos foram rechaçados por 58% dos entrevistados. O PSDB aparece, na pesquisa de Veja, como o menos "condenado" (4%), destacado graficamente, em relação ao PT e aos outros com o tamanho reduzido da fonte. As instiuições mais "enfraquecidas" seriam o Congresso nacional (70%) e o Governo Federal (58), nos primeiros lugares, e a polícia em último (24%).

Curioso notar incongruências na pesquisa encomendada por Veja. A revista reiterava constantemente, nas duas edições, que se tratava de uma revolta do jovens, entretanto, a maior parte do público ouvido na pesquisa tinha mais de 50 anos (31%), seguido de outras faixas: 40 a 49 anos (27%), 30 a 39 anos (21%) e de 15 a 29 anos (25%). Ou seja, 74% das pessoas selecionadas na pesquisa tinham mais de 30 anos e apenas 25% abaixo dessa idade. Desse total, 61% tinham curso superior completo até o doutorado, 23% superior imcompleto e 135 o ensino médio. A maioria (84%) era das classes A e B e 16% das classes C, D e E.

Ora, esse é exatamente o perfil da maior parte do público leitor de Veja[4] e que, no entanto, a revista apresenta, em sentido totalizante, como sendo "a voz das ruas". Para "comprovar" a veracidade e o acerto do seu discurso sobre as manifestações de junho, a revista apresenta de forma "objetiva" dados de uma pesquisa altamente tendenciosa. Não é de se estranhar, por exemplo, que os grandes perdedores tivessem sido o PT, em contraposição ao PSDB que, segundo essa "voz", foi minimamente atingido. Que o Congresso, composto em maioria por partidos da base aliada do governo) estivesse no topo da lista das instituições mais enfraquecidas.Também não surpreende que a polícia, que reprimiu duramente nas ruas os "baderneiros" para "manter a ordem", expressões tão caras ao discurso conservador (difundido, incialmente, pela mídia tradicional) tenha sido a instituição menos enfraquecida, segundo os entrevistados.

Todas as matérias dessa edição trazem ataques diretos e indiretos ao PT ou aos partidos e organizações de esquerda. A cobertura é integralmente direcionada a apresentar elementos de denúncia e crítica na tentativa de atingir, principalmente, o ex-presidente Lula

[4] Digo principal, pois não devemos nos esquecer de que Veja é lida por uma parcela grande de pessoas, desde estudantes a manicures- que não estão dentro do perfil tradicional do seu público.

e a atual, Dilma Roussef, e atestar que o povo se insurgiu contra eles e o tipo de governo de esquerda que representam. Em uma averiguação superficial nas matérias é possivel contar cerca de 30 menções diretas ao PT, a outros partidose militantes de esquerda, anarquistas e 50 menções a Dilma Roussef, Lula e Governo Federal.

A revista tenta assim, produzir um discurso hegemônico sobre o sentido *real* dos protestos e do governo petista. Discursos hegemônicos são, na concepção de Laclau e Mouffe (1987), tentativas de fixar sentidos parciais e provisórios em um campo social (mais precisamente o campo da discursividade) marcado por constantes disputas identitárias, por "um movimento contínuo de diferenças" (p. 208), o que os autores chamam de "excesso de sentido do social" (p.162). Tenta-se, assim como faz Veja com o discurso sobre a necessidade de por fim aos males representados pelo governo do PT, que estaria prejudicando *toda* a população, de dar um caráter de interesse comum a determinados projetos a partir da diminuição de significados particulares e diferenciais, algo que envolva a todos, represente interesses e pensamentos em comum. São, portanto, "uma forma exemplar de atividade política que envolve a articulação de diferentes identidades em um projeto comum" (HOWARTH; STAVRAKAKIS, 2000, p. 14).

Considerações Finais

Como asinala Nilton Hernandes (2012, p. 17),

> Comunicar, em todas as suas formas, não é apenas um meio inocente de transmissão de saberes, mas, como afirma José Luiz Fiorin (2004:14), é principalmente a ação do homem sobre outros homens, criadora de relações intersubjetivas que geram e mantêm crenças que se revertem ou não em determinados atos.

Analisando criticamente a cobertura de Veja sobre os protestos, percebe-se claramente o trabalho tendencioso de seleção e organização das informações, de modo a construir um discurso coerente e persuasivo em relação ao que seria o verdadeiro sentido das manifestações, na intenção de influenciar não só a forma como a população percebia o movimento, mas também as atitudes concretas que poderia tomar à partir de tal percepção. Esse sentido geral dos protestos começa a ser contruído pela revista com a demonização da esquerda, que arregimentaria e corromperia os jovens da classe média (que passaram a ir às ruas promover a baderna, sob o "pretexto" de lutar por causas sociais que não lhes pertenciam). Passa-se então a culpar especificamente os petistas por todas as mazelas

nacionais para concluir que o motivo primeiro das manifestações pelo Brasil inteiro foi o de contestar e dar um basta a esse governo " corrupto" e "ineficiente". O gran finale vem com a "lembrança", nas páginas 70 e 71,de que movimentos contestatórios como o maio de 68, na França, e o "flower power", nos Estados Unidos, culminaram com a eleição de presidentes conservadores de direita. Seria um presságio ou a tentiva de convencimento de um caráter teleológico da história, o qual os brasileiros deveriam encarar como natural, expulsando do poder, nas próximas eleições, a esquerda corrompida e dando à direita uma chance de sanear todos os males deixados como herança?

Os protestos são um fenômeno ainda recente, bastante complexo para se dar explicações completas e definitivas. Porém, têm se mostrado uma das melhores oportunidades das últimas décadas para se investigar, mesmo agora, no "calor dos acontecimentos" e sem a "distância" temporal necessária para se perceber mais claramente os fatos, como a mídia mobiliza-se em estratégias discursivas, de acordo com seus interesses e posicionamento ideológico, nesse campo de disputas hegemônicas do qual o trabalho de representação da realidade, desempenhado pelo jornalismo, é um fator decisivo.

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques:** o que jornal, revista, tv, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

HOWARTCH, David; STAVRAKAKIS, Yannis. Introducing discourse theory and political analysis. In: HOWARTCH, David; NORVAL, Aletta J; STAVRAKAKIS, Yannis (Edits). **Discourse theory and political analysis:** identities, hegemonies and social change. Manchester, New York: Manchester University Press, 2000.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia y estratégia socialista:** hacia uma radicalizacíon de la democracia. Madrid: Siglo XXI, 1987.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística** - uma comunidade interpretativa transnacional, Florianópolis: Insular, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.